



BOLETIM DE COMÉRCIO  
EXTERIOR DA BAHIA  
OUTUBRO 2021

# Sumário

## Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Outubro 2021, 3 Importações, 7

### Apêndice A – Outubro 2021

- Tabela I - Balança comercial - Brasil
- Tabela II - Balança comercial - Bahia
- Tabela III - Balança - Brasil X Bahia
- Tabela IV - Participação do comércio exterior da Bahia no comércio brasileiro
- Tabela V - Exportações brasileiras - Regiões
- Tabela VI - Exportações brasileiras - Principais estados
- Tabela VII - Exportações brasileiras - Nordeste por estados
- Tabela VIII - Exportações baianas - Principais municípios
- Tabela IX - Exportações baianas - Fator agregado
- Tabela X - Exportações baianas - Principais segmentos
- Tabela XI - Exportações baianas - Principais segmentos por produtos
- Tabela XII - Exportações baianas - Principais produtos
- Tabela XIII - Exportações baianas - Principais países e blocos econômicos
- Tabela XIV - Importações brasileiras por regiões
- Tabela XV - Importações brasileiras - Principais estados
- Tabela XVI - Importações nordestinas por Estado
- Tabela XVII - Importações baianas - Principais municípios
- Tabela XVIII - Importações baianas - Categorias de uso
- Tabela XIX - Importações baianas - Principais produtos
- Tabela XX - Importações baianas - Principais países e blocos econômicos

### Apêndice B – Informativo acumulado de janeiro a outubro de 2019

- Tabela I - Balança comercial - Brasil
- Tabela II - Balança comercial - Bahia
- Tabela III - Exportações brasileiras - Regiões
- Tabela IV - Exportações brasileiras - Principais estados
- Tabela V - Exportações brasileiras - Nordeste por estados
- Tabela VI - Exportações baianas - Principais municípios
- Tabela VII - Exportações baianas - Fator agregado
- Tabela VIII - Exportações baianas - Principais segmentos
- Tabela IX - Exportações baianas - Principais segmentos por produtos
- Tabela X - Exportações baianas - Principais produtos
- Tabela XI - Exportações baianas - Principais países e blocos econômicos
- Tabela XII - Importações brasileiras por regiões
- Tabela XIII - Importações brasileiras - Principais estados
- Tabela XIV - Importações nordestinas por estado
- Tabela XV - Importações baianas - Principais municípios
- Tabela XVI - Importações baianas - Categorias de uso
- Tabela XVII - Importações baianas - Principais produtos
- Tabela XVIII - Importações baianas - Principais países e blocos econômicos



**Governo do Estado da Bahia**  
Rui Costa

**Secretaria do Planejamento**  
João Felipe de Souza Leão

**Superintendência de Estudos  
Econômicos e Sociais da Bahia**  
Jorgete Oliveira Gomes da Costa

**Diretoria de Indicadores e Estatística**  
Armando Affonso de Castro Neto

**Coordenação de Acompanhamento  
Conjuntural**  
Arthur Souza Cruz Junior

**Coordenação Editorial**  
Arthur Souza Cruz Junior

**Elaboração Técnica**  
Arthur Souza Cruz Junior  
Marcus Vinicius Souza Pimentel dos Santos  
(estagiário)  
Thiago Lima de Souza Bartolomeu  
(estagiário)

**Coordenação de Biblioteca e  
Documentação  
Normalização**  
Eliana Marta Gomes Silva Sousa

**Coordenação de Produção Editorial  
Editoria Geral**  
Elisabete Cristina Teixeira Barretto

**Editoria de Arte e de Estilo  
Projeto Gráfico**  
Ludmila Nagamatsu

**Revisão**  
Luzia Luna

**Editoração**  
Julio Cesar Fonseca

# Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Setembro 2021

Novamente guiadas, sobretudo, pelo avanço dos preços, as exportações baianas cresceram 20,4% em outubro, ante o registrado em igual mês de 2020, alcançando US\$ 921,3 milhões. As importações acusaram crescimento maior, recuperando o fôlego perdido no segundo trimestre, tendo incremento de 71,7%, chegando a US\$ 791,1 milhões, puxadas pelos combustíveis e pelo aumento das cotações de commodities energéticas no mercado internacional. As informações foram analisadas pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), autarquia vinculada à Secretaria de Planejamento (Seplan).

Apesar do crescimento das exportações e de seus preços médios, houve uma desaceleração do crescimento das cotações das commodities minerais e agrícolas, além do início da entressafra. Houve também menor embarque para a Argentina (-24%), depois de meses seguidos de crescimento. A queda se deu pela falta de componentes decorrente dos gargalos nas cadeias de produção, que vêm prejudicando, sobretudo, produtos industriais (mecânica, automotiva, química), e pela escassez de dólares na Argentina, que mina as importações de empresas.

No acumulado do ano, as exportações baianas alcançaram US\$ 8,24 bilhões, com alta de 29,6% em relação a igual período do ano anterior, e já supera toda a receita obtida anual de 2020, que foi de US\$ 7,84 bilhões. As perspectivas poderiam ser melhores, se uma série de indicadores da Europa e da Ásia não apontasse na direção de um crescimento mais fraco dessas economias no terceiro trimestre, afetado por problemas com as cadeias de suprimentos globais, forte aceleração da inflação e impacto da variante delta do coronavírus.

Já pelo lado das importações, o resultado de outubro foi influenciado pelo aumento do volume desembarcado de combustíveis (principalmente nafta) e também pelo impacto do aumento dos preços desses bens, assim como uma série de outros produtos industriais afetados pela crise de abastecimento de componentes. O aumento das compras externas a partir de agora também está ligado à retomada da atividade econômica e ao crescimento dos preços de insumos.

No acumulado até outubro, as importações atingiram US\$ 6,14 bilhões, com crescimento de 52,1% sobre o mesmo período do ano passado. As importações de combustíveis (139,4%) e de fertilizantes (49,5%) devem

continuar pressionadas, respectivamente, pela crise hídrica e pela expectativa de safra recorde em 2021, o que explica parte da aceleração mais recente de preços das importações.

**Tabela 1 – Balança comercial Bahia – Jan.-out. 2020/2021**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2020	2021	Var. %
Exportações	765.475	921.260	20,35
Importações	460.847	791.135	71,67
Saldo	304.627	130.125	-57,28
Corrente de comércio	1.226.322	1.712.395	39,64

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 05/11/2021.

Elaboração: SEI.

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

A covid-19 continua sendo o maior risco para a continuidade da recuperação global. Segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI), as perspectivas são boas, com crescimento global de 5,9% este ano e 4,9% em 2022, mas o balanço de riscos está mais para “desapontador” do que para “surpresas positivas” do lado da expansão, que é vista como “um longo e tortuoso caminho para a recuperação”.

O risco de surgimento de novas variantes mais contagiosas do coronavírus continua alto porque, ainda que as nações desenvolvidas e algumas emergentes tenham conseguido sucesso na vacinação em massa, a maioria dos demais países segue sem imunizar parcelas substanciais da população. Mais de um terço do mundo, 35% da população global, não está a caminho dos 40% da vacinação ao fim de 2021.

Outra ameaça vem da crise na cadeia de suprimentos, que ameaça a economia mundial e corre o risco de durar pelo menos mais um ano, a não ser que os governos interfiram para ajudar a atenuar o desabastecimento. As drásticas mudanças na demanda do consumidor durante a pandemia, a desestabilização do transporte marítimo global e um setor aéreo combalido criaram a crise mais grave de vários anos das cadeias de suprimentos mundiais.

Com esse cenário, as perspectivas para a economia mundial estão, portanto, mais sombrias, com uma série de dados nos EUA, Europa e na Ásia sugerindo que o crescimento foi mais fraco no terceiro trimestre, afetado

pelos problemas citados, a começar pela disrupção nas cadeias de suprimentos globais; forte aceleração da inflação e impacto da variante delta do Sars-CoV-2 .

A economia dos EUA cresceu 2% no terceiro trimestre, impactada pela desaceleração dos gastos do consumidor e pelo ressurgimento de casos de covid-19, que resultou em novas restrições e adiamentos na reabertura de estabelecimentos em algumas partes do país. A China também desacelerou – crescimento de 4,9% no terceiro trimestre, atingida por surtos de covid-19 e falta generalizada de energia, assim como pelo esfriamento do mercado imobiliário. Somente a União Europeia (UE) teve alguma aceleração, ou estabilidade, ao crescer 2,2% frente ao segundo trimestre, quando a expansão foi de 2,1%.

Ainda assim, a retomada do comércio mundial deverá superar as expectativas, mesmo em meio às tensões, aponta a Organização Mundial do Comércio (OMC). O maior risco que continua a pesar sobre a produção global e o comércio exterior, com já dito, é uma ressurgência da pandemia de covid-19.

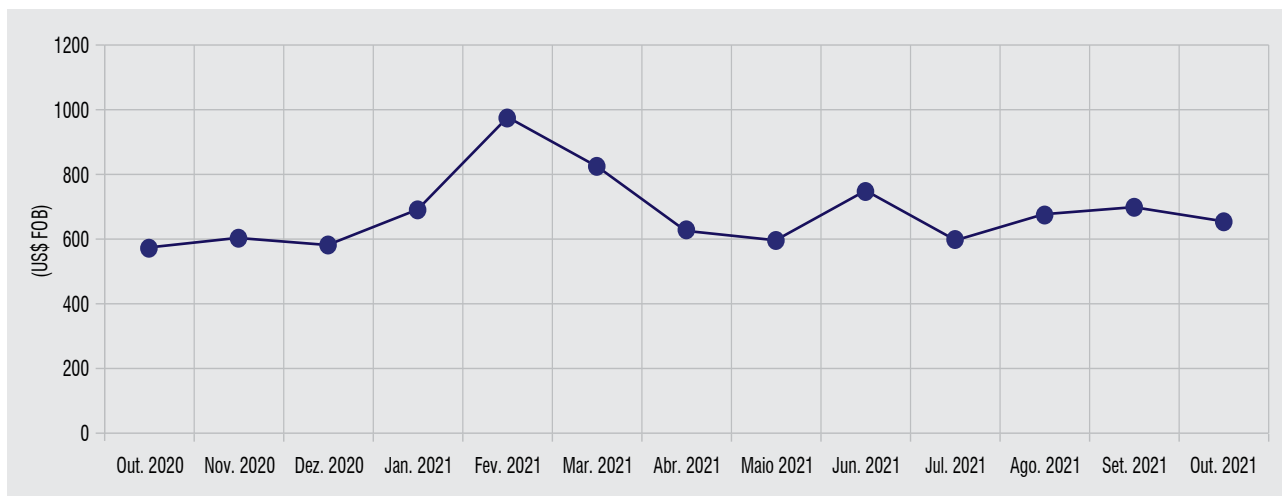
A retomada das exportações e importações, assim como ocorre com o avanço da vacinação, ocorre em meio a assimetrias regionais. No Oriente Médio, América do Sul e África, a recuperação das exportações é mais fraca. No caso da América do Sul, a expectativa é de crescimento de 7,2% neste ano, diminuindo para uma expansão de 2% no ano que vem.

Ainda assim, a entidade previu, em outubro, um crescimento de 10,8% do comércio mundial de mercadorias, em volume, em vez dos 8% estimados em março. Para 2022, a expectativa é de moderação da expansão para 4,7% (a estimativa anterior era de 4%), na medida em que o comércio de bens retorna à tendência de longo prazo pré-pandemia.

Houve estabilização dos preços internacionais de commodities, ainda que em nível superior ao verificado em 2020, sobretudo as energéticas, cujo impacto inflacionário é amplificado pela depreciação do real, sendo essa combinação o fator preponderante para a elevação das projeções de inflação no Brasil tanto para 2021 quanto para 2022.

São vários fatores importantes influenciando ao mesmo tempo o preço dessas commodities, o que é raro de ser visto. São eles: recuperação da atividade econômica mundial; menores investimentos no setor desde o ano passado, em parte por questões ambientais; dificuldades de transporte marítimo e forte depreciação do câmbio.

De qualquer maneira, o preço das commodities energéticas medidas pelo IC-Br vem subindo há tempos. Tanto no acumulado do ano quanto no acumulado de 12 meses, o indicador mais que dobrou, com altas de 113,25% e 112,46%. Na conta, entram petróleo Brent, gás natural e carvão.



**Gráfico 1 – Evolução dos preços médios de exportação – Bahia – Out. 2020-2021**

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 05/11/2021.  
Elaboração: SEI.

Mas, ainda que venham sendo mais intensas, as altas dos preços de commodities não são exclusividade daquelas que pertencem ao segmento energético. Em outubro, os preços médios como um todo subiram 16,9%. Mesmo decrescente, houve aumento de preços da soja, dos químicos, do algodão, dos metalúrgicos, da celulose e dos metais preciosos, dentre os mais importantes.

Em outubro, os preços médios dos produtos exportados pela Bahia ficaram em média 16,9% acima de igual mês de 2020 e inferiores em 6,4% ao mês imediatamente anterior, reflexo da desaceleração no aumento dos preços, em função do cenário mais retraído de crescimento mundial.

Os maiores riscos à recuperação continuam a vir da pandemia de covid-19, ainda mais se variantes mais mortais surgirem nos próximos meses. A variante delta, particularmente contagiosa, já levou governos a retomar algumas medidas de confinamento. A crise na

cadeia de suprimentos também é outra ameaça, visto que pode se estender por mais um ano, o que afeta os preços das commodities.

Por setor de atividade, a indústria de transformação apresentou até outubro crescimento de 18,5%, puxada pela petroquímica, que teve incremento nas vendas de 63,4%, seguida pelo setor metalúrgico, com alta de 34,8%, todos em relação ao mesmo mês de 2020.

As exportações na agropecuária cresceram 39,8%, lideradas pela soja em grão, com incremento de 45,9%, seguida do algodão, com aumento de 33,7%, e do café e especiarias, com incremento de 45,2%. A agroindústria, por sua vez, teve aumento de 27,7% na mesma base de comparação.

No atual momento, existe ao menos um “mini ciclo das commodities”, de dois anos na área agrícola, que poderá se estender em caso de frustrações de safra. Há uma mudança de degrau das cotações –que não

**Tabela 2 – Exportações baianas  
Principais segmentos – Jan.-out. 2020/2021**

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2020	2021			
Soja e Derivados	250.998	193.230	-23,02	20,97	35,61
Químicos e Petroquímicos	68.256	152.152	122,91	16,52	82,98
Petróleo e Derivados	5.227	133.275	2.449,70	14,47	39,44
Papel e Celulose	108.039	75.582	-30,04	8,20	1,93
Algodão e Seus Subprodutos	72.980	73.078	0,14	7,93	16,05
Metalúrgicos	43.934	72.061	64,02	7,82	89,77
Minerais	30.075	60.484	101,11	6,57	-35,24
Metais Preciosos	61.765	40.099	-35,08	4,35	132,24
Frutas e suas Preparações	34.575	32.975	-4,63	3,58	-12,85
Cacau e Derivados	18.302	17.332	-5,30	1,88	-1,35
Café e Especiarias	9.788	13.483	37,75	1,46	38,20
Borracha e Suas Obras	10.800	12.852	18,99	1,40	5,68
Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos e Elétricos	1.054	9.185	771,62	1,00	-40,66
Couros e Peles	6.690	7.292	9,00	0,79	-21,71
Calçados e Suas Partes	2.994	5.936	98,23	0,64	21,51
Sisal e Derivados	5.548	5.152	-7,13	0,56	23,46
Carne e suas Miudezas	1.721	4.034	134,47	0,44	33,05
Fumo e Derivados	1.374	1.793	30,51	0,19	51,33
Automotivo	18.925	93	-99,51	0,01	98,46
Demais Segmentos	12.428	11.172	-10,11	1,21	456,41
<b>Total</b>	<b>765.475</b>	<b>921.260</b>	<b>20,35</b>	<b>100,00</b>	<b>16,86</b>

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 05/11/2021.

Elaboração: SEI.

vão ficar no nível atual para sempre –inclusive já apresentam algum recuo, mas dificilmente retornarão aos patamares de anos atrás no curto prazo. Com isso, para os grãos, mesmo com o aumento de custos para safra 2021/22, deveremos ter área plantada maior, preços remuneradores e com margem positiva não só para 2021 como também para 2022.

O décimo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), relativo a outubro deste ano, confirma a expectativa positiva, ao estimar a produção de cereais, oleaginosas e leguminosas, na Bahia, em 10,42 milhões de toneladas (t) em 2021, o que representa crescimento de 3,5% na comparação com a safra 2020. Esse resultado indica o melhor da série histórica do levantamento. Muito provavelmente, a lucratividade para o exportador será menor do que em 2021, mas mesmo assim positiva.

A indústria de transformação, apesar da pouca valorização, melhorou até outubro, devido ao aumento dos

preços das commodities, principalmente as de origem mineral (petróleo, cobre, níquel).

Desde abril, as vendas do setor têm tido ritmo constante de expansão, o que é notável devido aos muitos empecilhos ainda no caminho das vendas da indústria, como disparada dos fretes, dificuldade de conseguir despachar produtos em contêineres e escassez de insumos que ainda persiste em alguns segmentos. O câmbio desvalorizado também tem ajudado.

A China permanece liderando como principal mercado para as vendas externas do estado, com aproximadamente 28% de participação no ano e crescimento de 38,2%. É seguida agora pelos EUA, com 12% de participação e crescimento de 40,8%, e por Singapura, que está com 10,8% de participação e crescimento 6,2%. A UE, como bloco, permanece como segundo maior destino para as vendas externas do estado, com 18,2% de participação e crescimento de 62,8% no período.

As importações continuaram recuperando o terreno perdido em 2020, fortalecidas pela retomada da atividade econômica. As compras externas cresceram 72% em outubro, atingindo 791 milhões, e já acumulam US\$ 6,14 bilhões, com aumento de 52,1% em relação ao mesmo período do ano passado. As compras externas, apesar do bom resultado colhido em outubro, desaceleraram no terceiro trimestre em relação ao segundo (queda de 29,2%), resultado das elevadas incertezas fiscais e políticas, do agravamento da crise hídrica e de uma inflação persistente e disseminada, que requer juros cada vez mais altos. Nos últimos meses, o quadro internacional adverso se somou a um ambiente interno difícil, reduzindo as expectativas de crescimento para a economia brasileira em 2022.

Esse cenário já provoca reflexos no comércio exterior, por causa da desaceleração global, da piora dos termos de troca (a relação entre os preços de exportação e de importação) e do aperto das condições financeiras. A tendência é que haja impactos relevantes sobre a taxa de câmbio, que ronda os R\$ 5,50 e já representa uma correção parcial dos preços ao panorama externo mais difícil, num ambiente de maior dificuldade para o crescimento das importações.

Até outubro, as compras externas foram puxadas pelos combustíveis – aumento de 139,4%, sobretudo, pelas compras de Nafta, GNL – Gás natural liquefeito e Óleo diesel, que cresceram substancialmente tanto pelo aumento do preço no mercado internacional quanto pela ocorrência de parada para manutenção e interrupções no segmento de refino capitaneado pela Refinaria Landulpho Alves - Mataripe (RLAM), agora privatizada.

Dentre os bens intermediários, que cresceram 42% no acumulado até outubro, destacam-se os fertilizantes, minério de cobre, óleos de palmiste, grafita e

borracha. No cômputo geral, houve aumento de 46,7% no volume desembarcado e alta de 52,1% nos valores, o que já revela aumento do nível dos preços (3,7%) no período, em comparação aos preços praticados em igual período de 2020.

**Tabela 3 – Importações baianas por categorias de uso – Jan.-out. 2020/2021**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2020	2021	Var. %	Part. %
Combustíveis e Lubrificantes	74.009	366.126	394,71	46,28
Bens Intermediários	269.678	360.467	33,67	45,56
Bens de Capital	93.528	42.507	-54,55	5,37
Bens de consumo duráveis	15.926	12.827	-19,46	1,62
Bens de consumo semiduráveis e não duráveis	7.706	9.207	19,48	1,16
Bens não especificados anteriormente	0	0	-	0,00
<b>Total</b>	<b>460.847</b>	<b>791.135</b>	<b>71,67</b>	<b>100,00</b>

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 05/11/2021.

Elaboração: SEI.

OBS.: importações efetivas, dados preliminares.

Por conta do bom desempenho, sobretudo no segundo trimestre, o volume desembarcado está 46,7% acima de 2020, ano marcado pelo menor volume de compras do estado desde 2009. Apesar do efeito da base baixa de comparação, a maior demanda por bens importados acontece via recomposição de estoques pela indústria, em um ambiente de escassez interna de suprimentos e de reação ainda moderada na atividade econômica. Mesmo com um cenário interno adverso, qualquer aumento das compras externas, a partir de agora, está ligado à tênue retomada da atividade econômica e também ao crescimento dos preços de insumos.



SECRETARIA DO  
PLANEJAMENTO

